

DO AUTOR DE QUEDA DE GIGANTES

KEN
FOLLETT



AS ESPIÃS
do DIA D

UM SUSPENSE INSPIRADO EM UMA HISTÓRIA REAL



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Cinquenta mulheres inglesas foram enviadas
à França como agentes secretas durante a
Segunda Guerra Mundial. Trinta e seis sobreviveram.
As outras quatorze deram sua vida.*

Este livro é dedicado a todas elas.

PRIMEIRO DIA

Domingo

28 de maio de 1944



CAPÍTULO UM

UM MINUTO ANTES da explosão, a praça estava tranquila em Sainte-Cécile. A tarde seguia quente e uma camada de ar estagnado envolvia a cidadezinha feito um cobertor. O sino da igreja soava preguiçoso, convocando sem grande entusiasmo os fiéis para a missa. Para Felicity Clairret, ele servia de contagem regressiva.

Um castelo do século XVII dominava a praça. O prédio parecia o palácio de Versalhes, só que em menor escala. Contava com uma entrada principal que se projetava para a frente e alas laterais que formavam ângulos retos e seguiam na direção dos fundos do terreno. Tinha porão e dois pavimentos principais, encimados por um telhado íngreme com janelas em arco.

Felicity, a quem sempre chamavam de Flick, adorava a França. Adorava a beleza da arquitetura, a amenidade do clima, a calma dos almoços, a erudição das pessoas. Adorava a pintura, a literatura, as roupas elegantes das mulheres. Os estrangeiros costumavam achar o povo francês um tanto antipático, mas Flick falava o idioma deles desde os 6 anos e não se notava a diferença entre ela e um nativo.

Enfurecia-a o fato de que a França que ela tanto adorava não existisse mais. Não restava comida suficiente para os almoços calmos, as pinturas tinham sido roubadas pelos nazistas e apenas as prostitutas tinham roupas bonitas. Como todas as mulheres, Flick vinha usando um vestidinho de corte ruim que havia muito perdera as cores devido ao excesso de lavagens. O que ela mais queria era a volta de sua França querida, a França real. E se tudo desse certo – caso ela e os outros fizessem o que tinham de fazer – era bem possível que isso acontecesse.

Talvez não vivesse o suficiente para presenciar isso. Talvez sequer estivesse viva dali a alguns minutos. Não era nenhuma fatalista, queria viver. Ainda tinha um milhão de coisas que pretendia fazer quando aquela maldita guerra terminasse: concluir seu doutorado, ter um filho, conhecer Nova York, comprar um carro esporte, beber champanhe numa praia em Cannes. Mas, se realmente estava tão perto da morte, era um consolo passar os últimos momentos da vida naquela praça ensolarada, defronte a uma pérola da arquitetura e embalada pela deliciosa melodia da língua francesa.

O castelo fora construído para abrigar a aristocracia local, mas o último

conde de Sainte-Cécile perdera a cabeça na guilhotina em 1793. Fazia muito tempo que os jardins ornamentais tinham dado lugar aos vinhedos, uma vez que estavam não só num país produtor de vinhos, mas também no coração do distrito de Champagne, e as dependências do castelo abrigavam agora uma importante central telefônica – por obra do ministro responsável pela área, que era nascido em Sainte-Cécile.

Com a chegada dos alemães, foram feitas melhorias nessa central a fim de interligar o sistema francês à nova rota de cabos para a Alemanha. Além dela, a edificação também abrigava um quartel-general regional da Gestapo, com gabinetes nos pavimentos superiores e celas no porão.

Fazia quatro semanas que o castelo fora bombardeado pelos Aliados. Tamanha precisão nos bombardeios era novidade. Os pesados aviões de quatro motores que sobrevoavam a Europa todas as noites, aeronaves Avro Lancaster e Boeing B-17, eram bastante imprecisos, muitas vezes a ponto de errarem por completo a *cidade* que tinham por alvo, mas a última geração de caças-bombardeiros – como os Lightnings e os Thunderbolts – era capaz de surgir do nada em plena luz do dia e acertar em cheio uma ponte ou uma estação ferroviária. Boa parte da ala oeste do castelo fora reduzida a um amontoado de tijolos vermelhos e pedras brancas seiscentistas.

Mas a missão em si fracassara. Os consertos foram logo providenciados, de forma que os serviços foram interrompidos apenas durante o tempo necessário para a troca das mesas telefônicas. Todos os equipamentos automáticos, bem como os amplificadores vitais para as chamadas de longa distância, ficavam no porão, que passara ileso pelo bombardeio.

Por isso Flick estava ali.

O castelo se situava no lado norte da praça, confinado por uma cerca alta de pilares de pedra e barras de ferro, guardado por sentinelas fardadas. No lado leste ficava a igrejinha medieval que agora tinha as portas escancaradas para a tarde de verão e a chegada dos fiéis. De frente para ela, no lado oeste da praça, ficava a prefeitura, de onde o prefeito ultraconservador pouco se opunha aos dirigentes da ocupação nazista. No lado sul se estendia uma sequência de lojas e um bar chamado Café des Sports. Era na varanda desse bar que Flick esperava o silenciar dos sinos com uma taça de vinho branco à sua frente, o vinho leve e suave produzido na região. Ela não tomara um gole sequer.

Flick era major. Para todos os efeitos, pertencia ao contingente exclusivamente feminino do Regimento de Enfermagem e Primeiros Socorros do

Exército britânico. Tratava-se, no entanto, de um posto de fachada. Na realidade, ela trabalhava para a Executiva de Operações Especiais, uma organização incumbida de missões de sabotagem dentro das linhas inimigas. Aos 28 anos, era uma das agentes de mais experiência dessa força secreta. Àquela altura já encarara a morte mais de uma vez, aprendera a conviver com o perigo e a lidar com o próprio medo. Ainda assim, não conseguia evitar sentir calafrios sempre que olhava para os capacetes de aço e os fuzis poderosos dos guardas do castelo.

Três anos antes, sua maior ambição era dar aulas de literatura francesa em alguma universidade britânica, ensinando os alunos a apreciar a riqueza de Victor Hugo, a ironia de Gustave Flaubert, a paixão de Émile Zola. Vinha trabalhando no Ministério da Guerra como tradutora de documentos em francês quando a chamaram para uma misteriosa conversa num quarto de hotel e perguntaram se ela se dispunha a fazer algo mais perigoso.

Sem refletir muito, ela respondera que sim. Todos os rapazes com quem estudara em Oxford vinham arriscando a vida na guerra. Que motivos teria para não fazer o mesmo? Dois dias após o Natal de 1941, ela começara seu treinamento na Executiva de Operações Especiais.

Dentro de seis meses, dada a escassez de rádios e a enorme dificuldade de se encontrar operadores habilitados a usá-los, Flick já levava mensagens da matriz da Executiva em Londres – que ficava no número 64 da Baker Street – para os grupos de resistência na França ocupada. Ela saltava de paraquedas, transitava com documentos falsos, contatava a Resistência, repassava ordens, depois anotava respostas, reclamações e solicitações de armas e munição. Para a viagem de volta, era recolhida por um avião, geralmente um Westland Lysander de três lugares, pequeno o bastante para aterrissar em qualquer ponto onde houvesse quinhentos metros de relva baixa.

Do trabalho como mensageira, ela passara à organização de manobras de sabotagem. Os agentes da Executiva de Operações Especiais eram quase todos oficiais do Exército e, teoricamente, a Resistência era seu destacamento. Contudo, na prática a Resistência não se curvava à disciplina militar e, para conquistar o apoio de seus integrantes, o oficial precisava ter conhecimento, voz ativa e pulso firme.

O trabalho era perigoso. Seis homens e duas mulheres haviam concluído o curso de treinamento junto com Flick. Dois anos depois, ela era a única ainda na ativa. Não restava dúvida de que duas pessoas do grupo estavam

mortas: uma sofrera um acidente de paraquedas e outra fora assassinada pela Milícia francesa, a odiosa força paramilitar que os alemães ajudaram a criar para combater a Resistência. As outras seis tinham sido capturadas, interrogadas e torturadas, depois levadas para os campos de prisioneiros na Alemanha, de onde nunca haviam saído. Flick sobrevivera porque era guerreira, pensava rápido e beirava a paranoia no cuidado que tinha com os procedimentos de segurança.

A seu lado estava Michel, seu marido, líder de uma célula da Resistência francesa que havia recebido o codinome de Bollinger e tinha como base de operações a cidade de Reims, famosa por sua catedral e situada a uns 15 quilômetros de Sainte-Cécile. Embora estivesse prestes a arriscar a vida, Michel se recostava despreocupado na cadeira, com o tornozelo direito apoiado no joelho esquerdo, empunhando um copo grande com a cerveja rala e sem cor dos tempos de guerra. Seu sorriso fácil conquistara o coração de Flick quando ela ainda estava na Sorbonne, escrevendo sua tese sobre a ética de Molière, que seria obrigada a abandonar com a eclosão da guerra. À época ele era um jovem professor de filosofia que tinha aparência desleixada e um séquito de admiradores entre os alunos.

Michel ainda era o homem mais sexy que ela já conhecera. Alto, vestia-se de um modo ao mesmo tempo elegante e displicente, com os ternos sempre amarfanhados e as camisas azuis desbotadas. Os cabelos eram um pouco mais compridos do que deveriam ser. A voz sensual era um convite para a cama e os olhos azuis, quando focavam uma mulher, faziam com que ela se sentisse a única no mundo inteiro.

Para Flick, aquela missão fora uma ótima oportunidade para passar alguns dias na companhia do marido, mas nem tudo tinham sido flores. Não que eles houvessem brigado, mas Michel dava a impressão de que já não sentia o mesmo afeto de antes, de que apenas seguia os protocolos do casamento, e isso a magoava. A intuição lhe dizia que ele andava interessado em outra mulher. Michel tinha apenas 35 anos, e seu charme desleixado exercia algum fascínio sobre as mais jovens. Não ajudava em nada o fato de que, por causa da guerra, eles haviam passado mais tempo afastados do que juntos desde que se casaram. Não faltavam francesinhas, tanto na Resistência quanto fora dela, que se dispunham a consolá-lo.

Flick ainda amava Michel. Mas de outro jeito. Não tinha por ele aquela mesma adoração cega da lua de mel, tampouco pretendia passar uma vida inteira dedicando-se exclusivamente à felicidade dele. A neblina matinal

do amor romântico já se dissipara e agora, sob a luz implacável da vida matrimonial, ela podia ver que Michel era um homem vaidoso, egocêntrico e pouco confiável. No entanto, quando se dispunha a colocá-la no centro das suas atenções, ainda era capaz de fazê-la sentir-se uma mulher bonita, desejada e especial.

Os encantos de Michel também funcionavam sobre os homens, e ele era um excelente líder, corajoso e carismático. Ele e Flick haviam traçado juntos o plano de ação daquela noite: atacariam o castelo em duas frentes distintas, dividindo as defesas, depois se reencontrariam no interior da construção e desceriam ao porão para explodir os equipamentos principais da central telefônica.

Eles dispunham da planta baixa do prédio – presente de Antoinette Dupert, supervisora do grupo de mulheres locais que limpava o castelo todas as noites. Por coincidência, Antoinette era também tia de Michel. A limpeza começava às sete, mesma hora da missa, e Flick já avistava algumas mulheres apresentando seus passes especiais ao guarda junto ao portão de ferro. A planta fornecida por Antoinette indicava apenas a entrada do porão, pois o lugar era de acesso exclusivo a alemães e a limpeza era feita por soldados.

O plano de ataque de Michel tinha por base os relatos do MI6, o serviço secreto britânico, segundo os quais o castelo era protegido por um destacamento da Waffen SS, a tropa de elite nazista, que operava em três turnos de doze homens cada. Os funcionários da Gestapo que trabalhavam ali não eram treinados para combate; a maioria sequer estaria armada. A célula Bollinger havia conseguido arregimentar quinze pessoas para o ataque. Agora, com as armas escondidas sob a roupa ou no interior de bolsas e sacolas, elas se misturavam aos grupos que aguardavam a missa na igreja e aos que passeavam tranquilamente na praça. Se as informações do MI6 estivessem corretas, haveria mais representantes da Resistência do que sentinelas alemãs na hora do ataque.

No entanto, outra informação martelava na cabeça de Flick, roubando-lhe a paz. Antoinette, ao saber das estimativas do MI6, comentara: “Eu diria que são mais de doze.” A mulher não era nenhuma tola: tinha sido secretária de Joseph Laperrière, um grande produtor de champanhe, e só fora dispensada e substituída pela esposa do homem em razão dos prejuízos trazidos pela ocupação. Poderia estar certa.

Michel não fora capaz de tirar a limpo o conflito entre as informações do MI6 e as de Antoinette. Morava em Reims, não tinha nenhuma família-

ridade com Sainte-Cécile. Nem ele nem os demais do grupo. Além disso, não houvera tempo suficiente para que se fizesse uma operação de reconhecimento. Por isso Flick se afligia tanto: se os resistentes estivessem em menor número, dificilmente teriam chance contra a disciplina dos soldados alemães.

Ela agora corria os olhos pela praça, tentando localizar as pessoas que conhecia, observando cidadãos inocentes dando um passeio, mas que na verdade esperavam para matar ou serem mortos. Diante da vitrine do armário, admirando uma peça de tecido verde sem graça, estava Geneviève, uma moça alta de 20 anos com uma Sten escondida sob o casaco leve de verão. A Sten era a submetralhadora preferida dos resistentes, uma vez que podia ser desmontada em três partes e transportada numa bolsa pequena. Geneviève talvez fosse a jovem para quem Michel vinha arrastando asa; mesmo assim, Flick sentiu um arrepio de horror ao pensar que dali a alguns minutos a francesa poderia estar crivada de balas.

Atravessando os paralelepípedos da praça, indo para a igreja, estava Bertrand, de 17 anos. O louro com expressão impaciente levava uma Colt automática calibre 45 escondida no jornal sob o braço. Os Aliados haviam jogado milhares de Colts em paraquedas. Num primeiro momento, Flick deixara Bertrand fora da operação por conta da pouca idade, mas o garoto implorara por participar, e ela, sabendo que precisava de toda a ajuda disponível, acabara cedendo. Só rezava para que tamanha coragem não virasse pó assim que a confusão começasse.

Vagando pelo átrio da igreja, aparentemente terminando seu cigarro antes de entrar, estava Albert. A mulher dele tinha dado à luz uma menina naquela mesma manhã, o primeiro filho do casal. Por isso, Albert tinha um motivo a mais para permanecer vivo. Levava consigo uma sacola de pano que parecia repleta de batatas, mas que guardava, na realidade, granadas Mills M36.

A paisagem na praça seria a mesma de sempre, não fosse por um único detalhe. Ao lado da igreja havia um carro esporte enorme e visivelmente poderoso, um Hispano-Suiza 68 Bis de fabricação francesa. Turbinado com um motor de doze cilindros, era um dos carros mais velozes do mundo. A grade frontal prateada se destacava, arrogante, do chassi azul-celeste, encimada pela cegonha que era o símbolo da montadora.

Fazia meia hora que aquele carro chegara. O motorista, um homem bonito que já devia andar pelos 40 anos de idade, trajava um paletó elegante.

O dono do carro só poderia ser um oficial alemão: quem mais teria a coragem de ostentar um automóvel daqueles? A companheira dele, uma ruiva alta e belíssima, com vestido de seda verde e sapatos de camurça de saltos muito altos, exibia uma elegância tão impecável que tinha de ser francesa. O homem havia armado sua câmera sobre um tripé e agora tirava fotos do castelo. A mulher exibia uma expressão de afronta, como se soubesse que era mentalmente chamada de vadia por todos os pobretões que passavam por ela a caminho da missa.

Alguns minutos antes, o alemão dera um susto em Flick ao pedir a ela que o fotografasse ao lado da companheira, com o castelo ao fundo. O pedido fora feito com delicadeza, um sorriso simpático e apenas um leve sotaque. Para Flick, era um martírio ter de lidar com aquela distração em um momento tão importante, mas uma recusa poderia levantar suspeitas, ainda mais sendo ela, supostamente, uma moradora da região que não tinha nada para fazer além de bebericar seu vinho na varanda de um bar. Assim sendo, ela respondera exatamente como uma francesa legítima teria feito, isto é, trazendo ao rosto uma expressão de frieza e indiferença antes de aquiescer.

Aquele era um momento absurdo, um momento de pânico: a agente secreta britânica fotografando o oficial alemão e sua mariposa, ambos sorrindo, enquanto o sino da igreja contava os segundos para a explosão. O alemão agradecera e se oferecera para lhe pagar um drinque. Flick havia recusado com firmeza: nenhuma francesa podia beber com um alemão a menos que estivesse preparada para ser chamada de puta. O homem assentira de forma compreensiva e ela voltara para o lado do marido.

Embora parecesse estar num dia de folga e não desse a impressão de estar armado – portanto não representasse perigo imediato –, o oficial despertara em Flick uma incômoda sensação de desconfiança. Refletindo melhor naqueles últimos instantes de calma, ela chegara à conclusão de que o homem definitivamente não estava ali a turismo. Percebia-se nele um permanente estado de alerta, uma prontidão que não combinava com alguém que estava ali apenas para admirar arquitetura. A mulher talvez fosse o que parecia ser, mas ele, não. Ele era outra coisa.

Antes que ela pudesse definir o quê, o sino parou de tocar.

Michel terminou sua cerveja e secou a boca com as costas da mão.

Ele e Flick se levantaram. Procurando aparentar naturalidade, dirigiram-se para a porta do bar e lá ficaram, abrigando-se sem chamar atenção.

CAPÍTULO DOIS

DIETER FRANCK HAVIA notado a moça na varanda do bar assim que chegara à praça. Sempre notava as moças bonitas. Aquela em particular era uma bela amostra de *sex appeal*. Os cabelos eram de um louro acinzentado, os olhos, verde-claros e o sangue decerto tinha algo de alemão, o que não era raro naquela parte da França, tão próxima à fronteira com a Alemanha. O vestido que cobria o corpo miúdo não era lá muito diferente de um saco de linhagem, mas a moça acrescentara à composição uma echarpe amarela que, apesar do algodão barato, lhe dava um charme tipicamente francês. Ao abordá-la, ele havia percebido aquela centelha de medo que os franceses costumavam exibir diante dos algozes alemães; mas depois, *imediatamente* depois, notara uma expressão muito mal disfarçada de afronta que despertara seu interesse.

Ela estava acompanhada de um homem boa-pinta e um tanto indiferente que decerto era o marido. Dieter solicitara a foto apenas porque queria falar com ela. Era casado, tinha dois filhos lindos em Colônia e hospedava Stéphanie no apartamento que mantinha em Paris, mas nada que o impedisse de abordar outra mulher na rua. Mulheres bonitas eram como os quadros impressionistas que ele colecionava: possuir um não o impedia de desejar outros tantos.

As francesas eram as mulheres mais lindas do mundo. Mas tudo na França era bonito: as pontes, os bulevares, até mesmo os aparelhos de jantar feitos de porcelana. Dieter adorava as boates parisienses, o champanhe, o *foie gras*, as baguetes quentinhas. Adorava comprar suas camisas e gravatas na famosa Charvet defronte ao hotel Ritz. Ficaria feliz em poder morar em Paris para sempre.

Ele não sabia onde havia adquirido gostos tão refinados. Seu pai era professor de música, a única forma de arte em que os alemães, e não os franceses, eram os mestres absolutos. Mas Dieter não tinha a menor vocação para a aridez da vida acadêmica do pai e deixara a família horrorizada ao decidir entrar para a polícia, um dos primeiros universitários na Alemanha a fazê-lo. Por volta de 1939 já chefiava o Departamento de Investigações Criminais da polícia de Colônia. Em maio de 1940, quando os tanques do general Heinz Guderian atravessaram o rio Mosa na altura de Sedan e abri-

ram caminho de forma triunfal através da França até o canal da Mancha em apenas uma semana, Dieter cedera a um impulso e se candidatara a um posto no Exército. Em vista de sua experiência na polícia, imediatamente fora alocado na inteligência. Falava francês fluente, além de um pouco de inglês, e por isso fora incumbido de interrogar os inimigos capturados. Tinha um talento especial para a tarefa e sentia um grande orgulho sempre que conseguia extrair alguma informação que contribuía para a vitória de seu país em alguma batalha. Sua eficiência chegara aos ouvidos de ninguém menos do que o marechal de campo Erwin Rommel, no norte da África.

Dieter não tinha nenhum pudor de recorrer à tortura quando julgava necessário, mas preferia dobrar seus interrogados com métodos mais sutis, os mesmos que usara com Stéphanie. Esperta, elegante e sensual, Stéphanie fora proprietária de uma chapelaria que vendia chapéus femininos dos mais chiques de Paris – e também dos mais caros. Mas tinha uma avó judia. Já havia perdido sua loja e passara seis meses numa prisão francesa quando, prestes a ser transferida para um campo na Alemanha, fora resgatada por Dieter.

Ele poderia ter estuprado a chapeleira se quisesse. Na certa era o que ela esperava de um oficial alemão. Ninguém teria erguido a voz para protestar, muito menos exigido algum tipo de punição. Mas, em vez disso, ele alimentara a moça, comprara roupas novas para ela, lhe dera o quarto extra que tinha no apartamento, tratando-a com carinho e respeito até que, certa noite, após um jantar de *foie de veau* com uma garrafa de La Tache, ele a havia seduzido deliciosamente no sofá da sala, diante das chamas de uma lareira.

Hoje, no entanto, Stéphanie fazia parte de seu disfarce. Ele estava a serviço de Rommel. O marechal de campo, também conhecido como a Raposa do Deserto, agora comandava o Grupo de Exércitos B das forças alemãs, responsável pela defesa dos territórios ocupados no norte da França. Segundo informações dos agentes de inteligência alemães, os Aliados tentariam uma invasão ainda naquele verão. Rommel não dispunha de um contingente grande o bastante para proteger as centenas de quilômetros da vulnerável costa normanda, por isso havia adotado a arriscada estratégia da mobilidade: embrenhadas no interior, suas tropas precisavam estar sempre de prontidão para serem deslocadas de forma ágil quando necessário.

Os ingleses sabiam disso. Também tinham seu serviço de inteligência. Para eles, o plano era o seguinte: atrasar os deslocamentos de Rommel destruindo as linhas de comunicação controladas pelo marechal. Noite e dia os

bombardeiros ingleses e americanos vinham atacando rodovias e ferrovias, pontes e túneis, estações e pátios de manobra. A Resistência, por sua vez, explodia usinas e fábricas, descarrilava trens, cortava linhas telefônicas, instruía jovens a despejar terra nos tanques de combustível dos caminhões e blindados alemães.

A missão de Dieter era identificar os alvos que mais precisavam de defesa no setor das comunicações e avaliar até que ponto a Resistência era capaz de atacá-los. Ao longo dos últimos meses, saindo de sua base em Paris, ele percorrera todo o norte da França, soltando os cachorros para cima das sentinelas que encontrava dormindo, infundindo terror nos capitães que demonstravam algum sinal de preguiça, redobrando as medidas de segurança nos pátios ferroviários, nas garagens de veículos, nas torres de controle dos aeroportos e nas cabines de sinalização das ferrovias mais importantes.

Naquele dia em particular, ele estava fazendo uma visita-surpresa a uma central telefônica estratégica e de importância vital para as forças alemãs. Por ali passava todo o tráfego telefônico entre o alto comando de Berlim e as inúmeras unidades espalhadas pelo norte da França. Isso incluía as mensagens de teletipo, meio pelo qual a grande maioria das instruções vinha sendo enviada nos últimos tempos. Se aquela central fosse destruída, as comunicações alemãs ficariam gravemente comprometidas.

Os Aliados, claro, sabiam disso. Até já haviam tentado bombardear o lugar e obtido relativo sucesso na investida. Aquele castelo era o mais perfeito candidato a um ataque da Resistência. No entanto, as medidas de segurança nele adotadas eram imperdoavelmente frouxas, pelo menos a seus olhos. A explicação talvez residisse na má influência exercida pela Gestapo, que tinha ali um posto avançado. A *Geheime Staatspolizei*, ou Gestapo, era a polícia secreta do governo nazista e, nela, muitas vezes as pessoas eram promovidas não pela sagacidade, mas pela lealdade que demonstravam a Hitler ou pelo entusiasmo com que abraçavam o ideário fascista.

Dieter estava furioso. Fazia meia hora que estava ali, fotografando o castelo, e até então nenhum dos guardas sequer notara sua presença. No entanto, assim que os sinos pararam de tocar, um oficial com farda de major irrompeu dos portões altos do castelo e foi correndo na direção dele, berlando num francês capenga:

– Entregue essa câmera!

Dieter virou o rosto, fingindo não ouvir.

– É proibido tirar fotos do castelo, imbecil! – berrou o homem. – Não está vendo que é uma instalação militar?

Voltando-se para ele, Dieter respondeu calmamente em alemão:

– Você demorou uma eternidade para me ver.

O major ficou surpreso. Civis costumavam ter medo da Gestapo.

– Como assim, demorei? – disse, já menos agressivo.

Dieter olhou para o relógio, depois completou:

– Faz 32 minutos que estou aqui. Poderia ter tirado uma centena de fotos e ido embora há muito tempo. É você que está na chefia da segurança?

– Quem é você, afinal? – devolveu o outro.

– Major Dieter Franck, do estado-maior do marechal de campo Rommel.

– Franck! – exclamou o homem. – Eu me lembro de você.

Dieter o observou com mais atenção.

– Meu Deus – disse, assim que se deu conta. – Willi Weber.

Como a maioria dos homens da Gestapo, Weber possuía uma patente da SS, que para ele era bem mais respeitável do que a outra que ele tinha da polícia. Por isso, ressaltou:

– *Sturmbannfuhrer* Weber, a seu dispor.

– Ora, ora, quem diria... – falou Dieter.

Não era à toa que a segurança estava tão fraca, pensou.

Ainda jovens, lá pela década de 1920, Weber e Dieter haviam servido juntos na polícia de Colônia. Dieter fora um oficial exemplar e Weber, um fracasso. Ressentido, Weber atribuíra o sucesso do colega ao berço de ouro em que ele nascera. (O berço de Dieter nem tinha assim tanto ouro, mas era desse modo que Weber, filho de um estivador, o via.)

No final, Weber fora dispensado, e os detalhes de todo o episódio agora vinham à lembrança de Dieter: uma multidão se aglomerara perto do local de um acidente na estrada e, apavorado, Weber disparara sua arma acidentalmente e matara um dos curiosos.

Fazia quinze anos que eles não se viam, mas Dieter podia muito bem imaginar qual fora a trajetória de Weber: ele decerto havia se filiado ao partido Nazista, depois se oferecido como voluntário, então usado sua formação policial para se candidatar a um posto na Gestapo, ascendendo rapidamente naquele antro de mediocridade.

– O que está fazendo aqui? – perguntou Weber.

– Fiscalizando a sua segurança em nome do marechal de campo.

– Nossa segurança é ótima – rebateu Weber entre os dentes.

– Ótima para uma fábrica de salsichas. Dê só uma olhada à sua volta – disse Dieter, apontando para a praça. – E se essas pessoas fossem da Resistência? Poderiam dominar sua guarda em questão de segundos.

Em seguida apontou para a moça alta que usava um casaco de verão sobre o vestido.

– E se ela estivesse levando uma arma sob o casaco? E se...

Ele se calou de repente.

Deu-se conta de que aquilo não era apenas um cenário hipotético. Inconscientemente ele havia notado a formação de batalha que aquelas pessoas desenhavam em torno da praça. A lourinha miúda e o marido haviam buscado refúgio na porta do bar. Os dois homens diante da igreja se escondiam atrás de pilares. A moça alta de casaco de verão, que minutos antes observava uma vitrine, agora parecia usar o Hispano-Suiza como escudo. Com efeito, no instante em que Dieter olhava para ela, uma lufada de vento levantou uma ponta do casaco da moça e ele pôde constatar, perplexo, que sua imaginação fora profética: a jovem levava consigo uma arma, uma submetralhadora de coronha tipo esqueleto, nada menos que o modelo preferido da Resistência.

– Meu Deus! – exclamou ele.

Imediatamente levou a mão ao bolso do paletó, e só então lembrou que não estava armado.

Onde estaria Stéphanie? Em pânico, correu os olhos à procura da namorada, mas ela estava bem ali às suas costas, esperando ele acabar a conversa com Weber.

– *Abaxe-se!* – ordenou.

E o estrondo veio segundos depois.

CAPÍTULO TRÊS

Flick estava na porta do Café des Sports, atrás de Michel, espiando-se na ponta dos pés para enxergar sobre os ombros dele. Mantinha-se alerta, o coração disparado, a musculatura tensa, mas o sangue corria nela feito água glacial, dando-lhe a frieza de que precisava para observar e avaliar.

Avistou oito guardas: dois cuidavam de quem passava pelo portão, dois ficavam de sentinela um pouco mais para dentro, dois patrulhavam o pátio por trás da grade de ferro e outros dois se empoeiravam no alto da escada que dava acesso à imponente porta do castelo. Mas não seria pelo portão que os homens de Michel passariam.

A comprida parede norte da igreja também servia de limite com o terreno do castelo e sua galeria norte invadia alguns metros do pátio vizinho, adentrando o estacionamento que um dia fora jardim. À época do Antigo Regime, o conde dispunha de uma entrada privativa para a igreja, uma pequena porta naquela galeria. Fazia mais de um século que a porta fora lacrada com tapume e gesso, e assim permanecia.

Havia uma hora, Gaston, um trabalhador aposentado de uma pedreira, entrara na igreja e cuidadosamente colocara quatro bastonetes de explosivo plástico de 200 gramas ao pé da tal porta lacrada. Ele conectara os detonadores de modo que os bastonetes explodissem juntos cinco segundos depois que ele os acionasse. Para que ninguém visse os explosivos ali, o homem trouxera cinzas do fogão de sua casa e as espalhara sobre o plástico amarelo dos bastonetes, depois arrastara um dos bancos da igreja para perto da porta. Por fim, satisfeito com o próprio trabalho, se ajoelhou para rezar.

Assim que os sinos pararam de tocar, Gaston abandonou seu banco na nave para acionar o detonador e se jogou às pressas atrás de uma parede para se proteger. A explosão decerto sacudiria a poeira acumulada durante séculos nos arcos góticos da igreja, mas aquela galeria não era usada durante as missas, de modo que não havia riscos de que alguém se ferisse.

Após o troar da explosão, fez-se um longo silêncio na praça. Todos ficaram imóveis onde estavam: os guardas no portão do castelo, as sentinelas junto à cerca, assim como o major da Gestapo, o alemão bem-vestido e sua glamorosa amante. Rígida de apreensão, Flick tentou enxergar o que se

passava no pátio do castelo. No estacionamento ainda havia uma relíquia dos suntuosos jardins de outrora: uma fonte de pedra com três querubins esverdeados pelo musgo, mas que já não cuspiam água. Em torno dessa fonte seca haviam estacionado um caminhão, um carro blindado (uma Mercedes sedã pintada com o verde-acinzentado das forças alemãs) e dois Citroëns pretos com tração dianteira que os oficiais da Gestapo em missão na França tanto apreciavam. Um soldado abastecia o tanque de um dos Citroëns, valendo-se da bomba de gasolina que, de modo incongruente, fora posta em frente a uma das janelas altas do castelo. Por alguns poucos segundos, ninguém se mexeu. Flick prendeu a respiração.

Dentro da igreja se encontravam dez homens armados. O padre, que não endossava a causa e portanto não fora avisado de nada, provavelmente ficara feliz ao ver tanta gente em sua missa vespertina, que não era lá muito popular. Talvez tivesse estranhado que muitos trajassem casaco num dia tão quente, mas depois de quatro anos de austeridade o vestuário da população andava mesmo um tanto esquisito e sempre havia aquele que aparecia com capa de chuva para compensar a falta do paletó. Flick calculava que, àquela altura, o padre teria compreendido tudo. Os dez homens já teriam sacado suas armas e irrompido para atravessar o buraco recém-aberto na igreja.

Por fim eles surgiram no estacionamento. Flick sentiu o coração saltitar de orgulho e medo ao vê-los lá, aquele pequeno exército usando roupas desgastadas e sapatos velhos e que agora corria na direção do castelo em meio à poeira do pátio, cada um com sua arma em punho, uns tantos revólveres e pistolas, dois ou três fuzis, uma única submetralhadora. Ainda não haviam começado a atirar, pois primeiro queriam chegar o mais próximo possível da entrada do castelo.

Michel também acompanhava a ação de longe. Ao ver o grupo sair da igreja, deixara escapar um ruído que oscilava entre o grunhido e o suspiro, e Flick logo percebeu que o marido também se dividia entre o orgulho da coragem dos camaradas e o receio pelo destino deles. Agora era o momento de distrair os guardas. Michel ergueu seu fuzil, um Lee-Enfield nº 4 Mark I, que era conhecido na Resistência como “fuzil canadense”, pois muitos eram fabricados naquele país. Ele fez mira, retesou o gatilho de dois tempos e só então atirou. Com a prática que tinha, não demorou para preparar o tiro seguinte.

O estampido do fuzil pôs fim ao silêncio catatônico da praça. No portão do castelo, um dos guardas gritou e foi ao chão, e Flick se deixou levar por

um breve momento de êxtase: um alemão a menos para ir no encalço dos seus companheiros. O tiro de Michel foi o sinal para que todos os demais abrissem fogo.

No átrio da igreja, o jovem Bertrand disparou dois tiros que poderiam ter sido confundidos com meros estalinhos: distantes demais para o alcance de uma pistola, não atingiram ninguém. Ao lado dele, Albert retirou o pino de uma granada e a arremessou o mais alto que pôde sobre a cerca de ferro, mas a explosão se deu nos vinhedos do castelo, inutilmente transformando as plantas em pó.

Flick teve vontade de gritar: “Não atirem só pra fazer barulho! Assim vocês só vão se revelar!” No entanto, sabia que era em situações como aquela que um combatente demonstrava sua experiência ao refrear os próprios impulsos. Do outro lado do Hispano-Suiza do alemão, Geneviève abriu fogo com sua Sten, e o ruído ensurdecedor dos disparos se infiltrou pelo ouvido de Flick. Dessa vez a investida não foi em vão, e outro guarda foi atingido.

Então os alemães começaram a reagir. No pátio, os guardas se protegeram atrás de pilares ou se jogaram ao chão com os fuzis em punho. O major da Gestapo enfim conseguiu pescar sua arma no coldre. A ruiva tentou fugir, mas seu sapato chique a fez escorregar nos paralelepípedos e ela caiu. Num átimo, o namorado alemão se jogou em cima dela, protegendo-a com o próprio corpo, e Flick concluiu que de fato se tratava de um militar, pois dificilmente um civil saberia que o mais seguro era mesmo deitar-se em vez de correr.

As sentinelas abriram fogo. Quase imediatamente, Albert foi atingido. Flick viu quando ele cambaleou para trás e levou a mão à garganta, deixando cair a segunda granada que pretendia arremessar. Em seguida o francês foi atingido por outra bala, desta vez na testa, e desabou feito uma pedra. Flick se entristeceu ao pensar que a menininha que havia nascido naquela manhã já era órfã de pai. Ali perto, vendo a granada que rolava pelas pedras centenárias do átrio, Bertrand se lançou para dentro da igreja quase ao mesmo tempo em que se deu a explosão. Flick ficou esperando que ele voltasse, mas não o viu. Afligiu-se imaginando se o garoto havia morrido, se estava ferido ou apenas assustado.

No estacionamento, o grupo que chegara pela igreja parou de correr e abriu fogo contra os seis guardas restantes. Presos no fogo cruzado entre os que atiravam do pátio e os que atiravam da praça, os quatro que estavam

junto ao portão foram abatidos em questão de segundos, deixando apenas os dois que se achavam no alto da escada. O plano de Michel estava dando certo, pensou Flick num arroubo de esperança.

Mas àquela altura os alemães no interior do castelo já haviam tido tempo suficiente para buscar suas armas e correr para janelas e portas. Bastou que eles comessem a atirar para que a balança pendesse a seu favor. Tudo dependeria de quantos homens haveria lá dentro.

Por alguns momentos choveram balas, e Flick, esmorecida, interrompeu a contagem que vinha fazendo ao concluir que no castelo havia muito mais armas do que eles imaginaram. O fogo parecia vir de pelo menos doze portas e janelas. Os homens da igreja, que já deveriam ter entrado no castelo, foram obrigados a recuar e buscar refúgio atrás dos carros no estacionamento. Antoinette estava certa e o MI6 errara feio o número de oficiais alemães daquele posto. Doze era a estimativa do serviço secreto britânico, mas a Resistência seguramente havia abatido seis e ainda restavam pelo menos quatorze no contra-ataque.

Flick xingou vigorosamente. Num embate como aquele, a Resistência só teria alguma chance se pudesse tirar partido do elemento-surpresa. Se não derrotassem o inimigo agora, estariam em maus lençóis. Com o passar dos minutos, o treinamento e a disciplina dos alemães começariam a fazer diferença. Ao final, soldados de verdade sempre levariam a melhor num confronto mais demorado.

No pavimento superior do castelo, as vidraças de uma das janelas se estilhaçaram e, segundos depois, uma metralhadora começou a atirar, beneficiando-se da altura para fazer um grande estrago entre os resistentes acuados junto aos carros. Flick assistia horrorizada aos companheiros caírem um a um nas imediações da fonte seca. Agora não restavam mais do que dois ou três ainda de pé.

Não havia mais esperança, constatou. Os alemães eram muito mais numerosos; aquela batalha estava perdida. Flick já sentia o gosto amargo da derrota.

Michel continuava atirando com seu fuzil, firme na mesma posição.

– Daqui não vamos conseguir derrubar aquele atirador lá em cima – disse.

Em seguida correu os olhos pela praça, avaliando o topo dos prédios, o campanário, o pavimento superior da prefeitura.

– Se eu pudesse entrar no gabinete do prefeito... Aí sim, ficaria mais fácil.

– Espere – disse Flick, a boca seca de apreensão.

Por mais que quisesse, não poderia impedir o marido de arriscar a própria vida, mas pelo menos poderia aumentar as chances dele. A plenos pulmões, gritou:

– Geneviève!

A jovem virou o rosto na direção dela.

– Cobertura para o Michel!

A francesa assentiu com vigor, depois saiu de trás do Hispano-Suiza e abriu fogo contra as janelas do castelo.

– Obrigado – disse Michel à esposa, e saiu em disparada na direção da prefeitura.

Geneviève foi correndo para a porta da igreja, procurando distrair os alemães com sua submetralhadora enquanto Michel atravessava a praça em segurança. Foi aí que Flick notou um movimento à sua esquerda. Virando-se, avistou o major da Gestapo recostado na fachada da prefeitura com sua arma apontada para Michel.

Não era fácil acertar um alvo em movimento com uma simples pistola, sobretudo a uma distância tão grande, mas talvez o major estivesse num dia de sorte, cogitou Flick, apavorada. Ela havia recebido ordens expressas para apenas observar a ação e depois se reportar aos superiores; em nenhuma hipótese deveria participar do embate. Mas naquele momento pensou: aos diabos com a disciplina! Trazia sua arma na bolsa: era uma Browning 9 milímetros automática, que ela preferia mil vezes à Colt padrão da Executiva de Operações Especiais, pois o pente da Browning era de treze balas e o da Colt, de apenas sete; além disso, nela era possível usar os mesmos cartuchos 9 milímetros Parabellum das submetralhadoras Sten.

Flick tirou a arma da bolsa, engatilhou o cão, estendeu o braço e fez dois disparos apressados contra o major.

Não chegou a acertá-lo, mas tirou lascas da fachada junto ao rosto dele, obrigando-o a se abaixar.

Michel seguiu correndo.

O major se recuperou com rapidez e mirou de novo.

A essa altura Michel já estava bem mais próximo da prefeitura, portanto mais próximo do major também. Chegou a disparar seu fuzil contra o alemão, mas não o acertou, e o homem atirou de volta. Flick deixou escapar um berro de pavor quando viu o marido tombar.

Michel tentou se reerguer, mas desabou. Flick procurou manter a calma para conseguir raciocinar. Michel estava vivo. Geneviève já alcançara a

igreja e sua submetralhadora ainda distraía os inimigos no castelo. Havia uma chance de resgatar Michel. Flick teria de contrariar ordens, mas nada no mundo a impediria de socorrer o marido que sangrava no chão. Além disso, se não agisse, Michel seria capturado e interrogado. Sendo o chefe da célula Bollinger, ele conhecia todos os nomes, todos os endereços, todas as senhas. Sua captura seria uma catástrofe.

Não havia escolha.

Flick voltou a atirar contra o major. Errou de novo, mas seguiu apertando o gatilho, e o fogo cerrado obrigou o homem a recuar em busca de proteção nas imediações da prefeitura.

Flick saiu do bar para a praça. Com a visão periférica, percebeu que o alemão do Hispano-Suiza ainda estava no chão, protegendo a amante. Flick sentiu um frio na espinha ao se dar conta de que se esquecera dele. Era bem possível que o homem estivesse armado. Nesse caso, poderia facilmente alvejá-la. Mas nenhuma bala a atingiu.

Assim que alcançou o marido, Flick se ajoelhou ao lado dele. Antes de qualquer outra coisa, disparou mais dois tiros na direção da prefeitura, apenas para manter o major ocupado. Só então baixou os olhos para Michel.

Ficou aliviada ao constatar que ele respirava e que os olhos estavam abertos. Parecia sangrar da nádega esquerda. Acalmou-se um pouco.

– Você levou uma bala na bunda – falou ela, em inglês.

– Está doendo pra burro – retrucou ele, em francês.

Virando-se novamente para a prefeitura, Flick viu que o major havia recuado uns 20 metros e atravessado a ruela mais próxima para se abrigar à porta de uma loja. Dessa vez ela não se precipitou: mirou com atenção e disparou outros quatro tiros. A vitrine da loja se despedaçou em mil cacos. O major cambaleou alguns passos para trás e caiu.

– Tente ficar de pé... – falou Flick para o marido, dessa vez em francês.

Gemendo de dor, Michel rolou o corpo e chegou a se apoiar num dos joelhos, mas não conseguiu mexer a perna ferida.

– Tente – suplicou Flick. – Se ficar aqui, vai morrer.

Ela o agarrou pela camisa e juntou todas as forças para içá-lo até que ele conseguisse pisar com a perna boa. Michel enfim ficou de pé, mas, não conseguindo sustentar o corpo, apoiou todo o seu peso na mulher. Flick grunhiu desesperada ao concluir que ele não conseguiria andar.

Para os lados da prefeitura, o major começava a se reerguer. Tinha sangue no rosto, mas não parecia gravemente ferido. Flick concluiu que ele se

machucara apenas de leve com os estilhaços da vitrine, nada que o impedisse de voltar a atirar.

Não havia outra opção senão carregar Michel para longe dali.

Numa manobra típica dos bombeiros, ela inclinou o tronco diante do marido, enlaçou-o pela coxa e lentamente o içou para cima dos ombros. Michel era alto, porém magro, assim como a maioria dos franceses naqueles tempos de escassez. Mesmo assim ela recebeu desabar sob o peso dele. Cambaleou um instante, sentiu-se tonta, mas aguentou firme.

Enfim conseguiu dar um passo à frente.

Arrastando-se pelos paralelepípedos, foi avançando aos poucos na direção do bar. Tinha a impressão de que o major atirava às suas costas, mas não havia como ter certeza, uma vez que os tiros partiam de todos os lados: do castelo, de Geneviève, dos resistentes ainda vivos no estacionamento. O medo de ser atingida lhe deu a força necessária para ir apertando o passo até alcançar um trote desajeitado, e foi com esse mesmo trote que ela procurou sair dali pela rua mais próxima, no lado sul da praça. Ao passar pelo alemão espichado sobre a ruiva, seu olhar cruzou rapidamente com o dele e Flick ficou espantada ao ver no homem um quê de surpresa e admiração. Distraindo-se, atropelou uma das mesas na calçada de um bar, derrubando-a, e quase caiu junto com ela, mas se endireitou a tempo e seguiu em frente. Uma bala atingiu a vidraça do bar, fazendo uma rachadura em forma de teia de aranha. Logo Flick dobrou a esquina e saiu da mira do major. Ambos vivos, ela pensou com gratidão. Pelo menos por mais um tempo.

Até aquele momento Flick ainda não havia decidido para onde ir quando se visse a salvo do tiroteio. Dois veículos de fuga esperavam não muito longe dali, mas ela não teria forças para carregar Michel até eles. Restava apenas uma saída: Antoinette Dupert, que morava um pouco mais adiante naquela mesma rua. Antoinette não participava da Resistência, mas apoiava a causa o bastante para ter fornecido a Michel uma planta baixa do castelo. Além disso, ela certamente não negaria ajuda ao sobrinho.

De qualquer forma, Flick não tinha escolha.

Antoinette morava num dos apartamentos térreos de um prédio a alguns metros da praça. Sofregamente, Flick alcançou o portão que dava acesso ao pátio interno do prédio, pôs Michel no chão e correu para o apartamento de Antoinette.

Ofegante, esmurrou a porta até ouvir uma voz distante e assustada perguntar do outro lado:

– Quem é?

Em meio aos acontecimentos na praça, Antoinette não abriria a porta para qualquer um.

– Rápido! Rápido! – disse Flick, sem ar.

Não queria que os vizinhos ouvissem, pois nada impedia que entre eles houvesse algum simpatizante dos nazistas.

Aproximando-se da porta ainda fechada, Antoinette voltou a perguntar:

– Quem está aí?

– Seu sobrinho está ferido – disse Flick, instintivamente evitando mencionar o nome de Michel.

A porta enfim se abriu. Antoinette era uma mulher de porte ereto, tinha lá os seus 50 e tantos anos e estava usando um vestido de algodão que um dia fora uma bela peça, mas se tornara um vestidinho trivial e desbotado, cansado de guerra, ainda que muito bem passado. Assim que viu o sobrinho caído junto ao portão, correu até ele e se ajoelhou, dizendo:

– Michel! Você está bem?

– Estou sentindo muita dor – disse ele como pôde –, mas não estou morrendo.

– Pobrezinho...

Com um gesto carinhoso, Antoinette passou a mão pelos cabelos grudados na testa suada do sobrinho.

– Depressa, vamos levá-lo para dentro – disse Flick, impaciente.

Trabalhando juntas e alheias aos gemidos que ouviam, as duas mulheres ergueram o ferido pelos braços e joelhos, depois o levaram para o apartamento e o deixaram sobre o sofá de veludo desbotado da sala.

– Cuide dele enquanto busco o carro – disse Flick, e voltou correndo para a rua.

O tiroteio começava a diminuir. Sem muito tempo, Flick disparou rua afora e dobrou duas esquinas.

Diante de uma padaria fechada, dois veículos esperavam com o motor ligado: um Renault bastante enferrujado e um furgão em cuja lateral se lia “Lavanderia Bisset”. O furgão fora emprestado pelo pai de Bertrand, que conseguia gasolina porque lavava a roupa de cama dos hotéis em que os alemães ficavam. O Renault fora roubado naquela mesma manhã em Châlons, e Michel havia trocado as placas. Flick decidiu levar o Renault, deixando o furgão para aqueles que porventura conseguissem escapar com vida da carnificina em torno do castelo.

– Espere mais cinco minutos, depois vá embora – ordenou ela, falando depressa ao motorista do furgão.

Em seguida correu para o Renault, saltou para o banco do passageiro e disse:

– Vamos, rápido!

Ao volante estava Gilberte, uma garota de 19 anos com cabelos compridos e muito escuros, bonita porém burrinha. Flick estranhava que ela fizesse parte da Resistência, achava que a moça não fazia o tipo. Em vez de sair com o carro, Gilberte perguntou:

– Para onde?

– Vou mostrar o caminho, mas, pelo amor de Deus, vamos embora!

Gilberte engatou a marcha e enfim arrancou.

– Primeira à esquerda, depois à direita – orientou Flick.

Bastaram dois minutos fora da ação para que ela pudesse contabilizar o tamanho do prejuízo. Boa parte da célula Bollinger estava eliminada. Albert e os outros tinham morrido. Geneviève e Bertrand, mais os poucos que sobrevivessem, certamente seriam presos e torturados.

Quanto barulho por nada. A central telefônica permanecia intacta, as comunicações alemãs prosseguiam sem nenhum obstáculo. Sentindo-se uma inútil, Flick procurou identificar o que tinham feito de errado. Teria sido um equívoco tentar um ataque frontal contra uma instalação militar protegida? Não necessariamente. O plano teria sido bem-sucedido não fosse pela informação errada que os agentes do MI6 haviam passado. Pensando melhor, no entanto, teria sido mais seguro tentar entrar no castelo por meio de algum stratagem. Só assim eles teriam chance de alcançar os equipamentos de telefonia no porão.

Gilberte parou diante do portão do prédio de Antoinette.

– Vire o carro na direção contrária – disse Flick, e desceu.

Encontrou Michel deitado de bruços no sofá da tia com as calças arriadas e visivelmente constrangido. Ajoelhada ao lado dele, Antoinette segurava uma toalha ensanguentada e equilibrava os óculos na ponta do nariz enquanto examinava o traseiro do sobrinho.

– O sangramento diminuiu, mas a bala continua lá – contou ela.

No chão, junto ao sofá, estava a bolsa da mulher. Ela despejara o conteúdo sobre uma mesinha, provavelmente na pressa de encontrar os óculos. Em meio à tralha havia um documento dentro de uma capa dura de papelão: um papel datilografado e carimbado, com uma pequena fotografia de

Antoinette no alto. Tratava-se do passe com o qual a tia de Michel entrava no castelo. Assim que Flick viu aquilo, uma ideia começou a se formar em sua cabeça.

– Há um carro esperando lá fora – disse.

– Não é bom que ele se mexa – contrapôs Antoinette, ainda examinando o ferimento.

– Se não sair daqui, os boches vão matá-lo.

Flick discretamente surrupiou o passe da mulher enquanto perguntava a Michel:

– Como você está?

– Acho que consigo andar – falou ele. – A dor já está melhorando.

Flick guardou o passe na própria bolsa sem que Antoinette notasse, depois pediu:

– A senhora me ajuda a levantá-lo?

Apoiado nas duas mulheres, Michel se ergueu do sofá. Antoinette suspendeu a calça de linho grosso do sobrinho e afivelou o surrado cinto de couro.

– Melhor a senhora ficar aqui – disse Flick. – Não quero que a vejam conosco.

Ela ainda não havia desenvolvido sua ideia, mas sabia de antemão que não poderia levá-la adiante caso alguma suspeita recaísse sobre Antoinette e as demais mulheres que cuidavam da limpeza do castelo.

Michel passou o braço sobre os ombros da esposa, apoiando-se nela, e assim eles voltaram à rua. Michel já estava lívido de dor quando alcançaram o carro. Gilberte ficou apavorada ao vê-los.

– Depressa, imbecil! – rugiu Flick. – Saia desse carro e abra a porta para nós!

A garota enfim saltou do carro, abriu a porta traseira e ajudou Flick a pôr Michel no assento. Isso feito, ambas se acomodaram nos bancos da frente.

– Vamos embora daqui – ordenou Flick.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br